

Evelson de Freitas/AE-03/07/03

Cerimônia reunirá mil índios para homenagear Orlando Villas Boas

Eles acreditam que o quarup, seu último ritual de passagem, permite aos espíritos achar lugar seguro

LÚCIA HELENA DE CAMARGO

Na madrugada do dia 19 para 20, a Aldeia Yawalapiti, no Parque Indígena do Xingu (MT) será palco do quarup, cerimônia na qual os índios vão homenagear o mais importante indigenista brasileiro de todos os tempos: Orlando Villas Boas, morto em 12 de dezembro. Normalmente, o quarup ocorre quando morre algum índio respeitado. Participam os membros da tribo e alguns representantes das aldeias próximas. Mas essa celebração será especial, por causa da importância de Villas Boas: vão tomar parte integrantes de todas as 14 tribos do Xingu e a família de Orlando, além de índios de outros Estados. Piracumã, índio da tribo Yawalapiti e um dos organizadores, estima em mil o número de índios presentes no evento.

Na cerimônia, os mortos são representados por toras de madeira, chamadas quarup, fincadas no centro da aldeia. Na madrugada, cantadores cantam chorando, agitando o maracá (espécie de chocalho). Eles acreditam que durante o ritual os mortos podem voltar à vida por breves momentos. Ao pé de cada tora um pequeno fogo é aceso. A celebração é o último ritual de passagem, para que os espíritos encontrem um lugar confortável e seguro ao nascer do novo dia, quando o fogo é então apagado. "A idéia é que, lembrando de forma intensa, se possa esquecer, fechar o ciclo e seguir em frente", explica Orlando Villas Boas Filho, o Villinha.

Marina Villas Boas, viúva de Orlando, e seus filhos, vão para o parque no dia 13, ajudar nos últimos preparativos. O tronco de árvore que simboliza Orlando Villas Boas, artefato hoje guardado no salão em que o indigenista trabalhava, em sua casa do Alto da Lapa, será levado pela família.

Os preparativos para a cerimônia começaram há cerca de dois meses. Marina passa os dias comprando e remetendo materiais para o parque. Entre outras coisas, ela enviou mil rolos de linha, igual quantidade em tinta para tecido, além de 300 quilos de arroz e 200 quilos de rapadura. Piracumã faz a ponte entre os dois mundos, transportando objetos, levando informações, conseguindo recursos.

Cobranças – Na missa de sétimo dia da morte de Orlando, em São Paulo, surgiram as primeiras cobranças pela continuidade da obra do indigenista. Falando em nome do grupo, Piracumã convocou Noel, filho mais novo de Orlando, para substituir o pai. "Meu pai tinha minha idade (29 anos) quando embarcou na Expedição Roncador-Xingu, mas hoje em dia eu não poderia fazer o mesmo: o trabalho precisa prosseguir com instituições sérias que ajudem os índios a manter o que foi conquistado nesses 60 anos", afirma.

O dia 15 de julho marca os 60 anos do início da Expedição Roncador-Xingu, em 1943, criada pelo governo com o objetivo de "conhecer e desbravar os brancos do mapa". O Brasil tinha então 43 milhões de habitantes. Orlando e os irmãos Cláudio e Leonardo embarcaram na expedição na qual passariam 40 anos de suas vidas.

TORAS DE MADEIRA REPRESENTAM OS MORTOS



Marina com os filhos Villinha (E) e Noel: família ajuda nos preparativos

Dentro da selva, integraram os índios à sociedade brasileira, ao mesmo tempo incutindo neles a necessidade de valorizar a própria cultura. O ponto alto da saga foi a criação, em 1961,

do Parque Indígena do Xingu. Lá vivem hoje 4 mil índios em 14 aldeias, falando dez idiomas. Mais informações sobre os Villas Boas no site www.estadao.com.br/villasboas